

UMA NOVA GEOGRAFIA DE ÁFRICA

Prometida há já alguns anos, apareceu em 1970 uma *Geografia da África* ⁽¹⁾ da autoria do grande Mestre em assuntos tropicais PIERRE GOUROU. Por volta de 1960, a obra tinha sido anunciada, incluída na colecção da livraria Hachette, *As Cinco Partes do Mundo*, que ficou incompleta. Surge-nos agora apresentada pela mesma casa editora, mas com formato e dimensões diferentes dos que inicialmente tinham sido previstos: assim, o livro foi escrito sem sujeição a normas um tanto ou quanto rígidas que, necessariamente, qualquer colecção do género implica — facto que, com satisfação, se deve registar. De resto, diga-se desde já que a apresentação gráfica é excelente — para o que muito contribuem a magnífica qualidade das fotografias, que são reproduzidas em diversos formatos, e a grande variedade de mapas, de execução impecável, que nos permitem apreciar, também em diferentes escalas, diversos fenómenos de interesse geográfico.

No prefácio, o autor indica com toda a clareza a orientação do seu trabalho. Ele pretende, antes de mais nada, acentuar «as relações entre habitantes e território ocupado; a partir de mapas e dos mais diversos estudos, definir estas relações; depois, abordar a sua explicação, sem negligenciar a articulação principal; o homem não vê as coisas físicas tais como elas são, mas através da sua linguagem e das suas concepções do mundo e da sociedade. É importante, para uma África em movimento, apreender a natureza antiga e presente das relações entre grupos humanos e substrato físico. Se elas não nos aparecem como das mais felizes, reconforta-nos verificar que não são determinadas pelas condições naturais. Utilidade do estudo geográfico; tratando do conjunto da paisagem, esclarece, no ordenamento desta, o papel desempenhado pelos homens e sublinha que estes aplicaram apenas as técnicas de exploração e de enquadramento que dominam localmente. Mas, modificadas as técnicas, modificadas as paisagens. Não é este

(1) PIERRE GOUROU, *L'Afrique*, Librairie Hachette, Paris, 1970, 488 pp., 373 fig. — mapas, reproduções fotográficas, gráficos variados, quadros com os valores dos elementos do clima de diversas estações —, bibliografia, índice pormenorizado de nomes de lugar e de assuntos.

um ensinamento a explorar por africanos que sentem obscura ou claramente a necessidade duma modificação?» (p. 5).

Tais preocupações metodológicas, que, confessa o autor, orientaram, desde há uns 30 anos, a elaboração do livro, fazem que este nos dê a imagem duma rica diversidade no diálogo entre as sociedades humanas e os ambientes físicos em que se encontram estabelecidas: numerosos exemplos concretos são constantemente apresentados, ao longo dos vários capítulos, havendo a notar, não raramente, uma desconcertante multiplicidade de respostas de populações diferentes a condições naturais muito semelhantes — o que sempre nos leva a concluir que estas não são determinantes.

O próprio continente africano é afinal a justaposição de alguns grandes quadros geográficos bem diferenciados: a África negra, ou África ao sul do Sara, de todos o de maiores dimensões e também o mais variado; o deserto do Sara; a África do Norte, ou Magrebe; no conjunto da África ao sul do Sara podemos ainda individualizar Madagáscar, continente em miniatura, de afinidades insulíndicas. Esta diversidade faz que seja curta a *Introdução* (pp. 6-13), dedicada a aspectos gerais do continente. Um continente geológico, caracterizado pelo predomínio de elementos do soco, cobertos ou não por rochas sedimentares ou vulcânicas (96 p. 100 da superfície, contra 77 p. 100 na Austrália, que vem logo a seguir quanto a este aspecto, e apenas 37 p. 100 na Eurásia). A diversidade climática, pelo contrário, é consequência inevitável da grande extensão em longitude (72°). A configuração geral da África, pesada e maciça, é devidamente posta em evidência; mas ela não implica dificuldades excessivas em percorrer o continente. Os relevos maiores têm as suas aberturas, bem como as «intumescências litorais», tão características da África. Nem o carácter hostil das costas, aspecto tantas vezes exagerado por alguns autores, é factor essencial a tomar em conta: a África mediterrânea, a parte do continente com menos portos naturais (por vezes não utilizados, eles são numerosos nas outras regiões: ver figura 3), foi de longe a que teve vida marítima mais intensa. Mas a presença do Sara, «hiato de quinze graus de latitude onde as transições de adaptação são difíceis», imenso deserto, com 8 milhões de quilómetros quadrados recebendo menos de 100 mm de chuva por ano, constitui uma separação tremendamente rígida entre a África mediterrânea e a África tropical. «Muitos animais, plantas, homens e técnicas atravessaram o Sara; pouca coisa em relação ao que teria franqueado os seus quinze graus se o Sara não tivesse existido» (p. 11).

Com o estudo da África negra começa a referência aos grandes quadros geográficos enunciados acima. Tratando-se do território mais vasto e mais povoado, ela ocupa a maior parte da obra (8 «livros» dos 10 que a constituem, sendo o nono dedicado ao Sara e o décimo ao Magrebe).

O livro I trata dos *Aspectos Gerais da África Negra* (pp. 14-113). O capítulo I, «Uma Humanidade Negra», examina as características morfológicas mais salientes da população (230 milhões de negros africanos,

além de cerca de 300 000 Pigmeus, Hortentotes e Bochimanos, também autóctones, mas fisicamente diferentes). Algumas daquelas características talvez revelem uma adaptação ao clima, ou uma influência deste, mas nada de absolutamente definitivo se pode asseverar. Determinadas correlações simplistas que se têm apresentado são de rejeitar. Como é de rejeitar também a ideia duma raça negra definida por caracteres psíquicos.

As condições físicas da África negra são apresentadas no capítulo II. Um relevo que é geralmente o resultado da sucessão de superfícies de erosão de diferentes idades, talhadas por diferentes processos morfo-genéticos; resultam as «paisagens de linhas horizontais sobrepostas», tão frequentes. Assinalemos de passagem que, ao abordar este tema da geomorfologia africana, o autor discute a ideia correntemente admitida do escasso poder de erosão vertical dos rios tropicais, explicável pela sua pobreza em materiais transportados de dimensões apreciáveis, e tendo como consequência frequentes rupturas do perfil longitudinal. Estas são também devidas a deformações tectónicas recentes; e não faltam em muitos rápidos numerosas marmitas de erosão, processo eficaz de erosão vertical. As características climáticas são apresentadas sem que se tente uma tipologia dos climas, tratando-se, antes, de insistir na influência que têm os vários elementos na ocupação humana. Um aspecto essencial quanto à geografia humana, e posto nos seus devidos termos, é a variabilidade das chuvas, tanto mais inquietante quanto é certo que a agricultura africana está pouco virada para a rega. O clima acaba assim por exercer na África negra uma acção directa sobre a geografia humana: mas apenas através das civilizações dos povos respectivos. «O futuro da África negra está no domínio da água, necessário para apagar as irregularidades da estação das chuvas e para valorizar a estação seca.» (P. 38.) A seguir ao clima são estudadas as paisagens vegetais, cuja zonagem é tão nítida (fig. 39), apesar das perturbações introduzidas pelas savanas, de origem antrópica, em grande parte, e, por último, os solos. A propósito destes, insiste-se com justeza sobre o carácter relativo da noção de fertilidade; os solos leves e arenosos do Senegal, que tanto convêm à cultura do amendoim, são, sem dúvida alguma, pobres em relação a muitos outros produtos. No conjunto, as áreas francamente estéreis cobrem talvez 2 p. 100 da África negra, os solos muito bons não vão além de 1 p. 100; restam 97 p. 100 de solos possíveis, desigualmente possíveis em função das técnicas.

Antes de estudar estas, o autor considera «Os Efectivos Humanos e a sua Repartição na África Negra» (capítulo III). Analisa os contrastes do mapa de densidades, as características demográficas e a influência que nestas têm as doenças, bem como os reflexos do tráfico de escravos.

«Técnicas de Produção e Geografia Humana» é o tema do capítulo IV. São, com efeito, as técnicas «que regulam as relações entre os homens e o ambiente físico. Mas há técnicas mais ou menos aptas a produzir e a organizar». A este respeito, não podem deixar de referir-se algumas fraquezas da África negra: a falta do arado (salvo na Etiópia), o carácter restrito da rega, a falta da roda. Mas isto não significa uma

recusa completa à difusão cultural. Algumas técnicas foram recebidas — como, por exemplo, a metalurgia do ferro, proveniente do Egipto, através da Núbia. A alimentação, as plantas cultivadas, as técnicas agrícolas e os seus efeitos, os sistemas de propriedade, as aldeias e as casas, a criação de gado, são os assuntos sucessivamente passados em revista neste capítulo.

Segue-se a referência às técnicas de organização (capítulo V). «Técnicas deficientes», que não criam «altas densidades, senão por pouco tempo e em pequenas superfícies»; mas isto deriva apenas de circunstâncias históricas particulares. Nas técnicas de organização, algumas lacunas mais há que assinalar: ausência de escrita (só recentemente conhecida); escassa actividade comercial interna e externa («insegurança, ausência de estradas e de verdadeira moeda», ou melhor, de «noção monetária da riqueza»); falta generalizada de «religião universalista, orientada para uma ambiciosa organização do espaço». Os quadros superiores à família têm um papel demasiado apagado, o que justifica a variedade das técnicas de organização. A própria noção de povo é vaga e a diversidade linguística espantosa (um milhar de línguas). As fracas técnicas de organização da África negra são resultado de certo isolamento e também causa de isolamento; assim se encontram justapostas técnicas muito diferentes que nunca se interpenetraram.

Mas intervenções exteriores quebraram este isolamento (capítulo VI). A do Islame foi a mais antiga, a da civilização ocidental a mais revolucionária, trazendo consigo ou fazendo desenvolver «estradas, vias férreas, moedas, impostos, salariado, mobilidade da mão-de-obra, cidades, comércio». Contudo, o aspecto fundamental da intervenção europeia foi a divisão política, com todas as incoerências que comporta. De um modo geral, os estados actuais não têm justificação física, nem étnica ⁽²⁾.

Assim, a evolução da África negra não deixa de levantar problemas, que são examinados no capítulo VII, o último do livro I. Abrem-nos algumas linhas cheias de justificado optimismo. «A pobreza africana não é determinada pelas condições físicas nem por particularidades raciais; nem a natureza nem a população africanas têm vocação de atraso técnico. A fraca eficácia das técnicas é uma herança histórica. A situação não é trágica. A pressão demográfica é moderada; a explosão demográfica da nossa época não ameaça criar em África densidades de população cuja enormidade seria um obstáculo difícil. A África tem tempo diante de si.» (P. 105.)

Técnicas de produção afinadas fora da África deverão ser aproveitadas neste continente. Mas, para as técnicas de organização, a África deve sobretudo procurar «soluções originais inspiradas no seu passado». No que respeita ao desenvolvimento da agricultura, a falta de terras não é um entrave: todos os anos se cultivam apenas 3 p. 100

da superfície da África negra. Não existe, no continente, um «problema agrário» levantado pela existência de grandes domínios e de proletariado rural, pelo menos à escala do da América Latina. Alguns aspectos a reter: sustentar os preços dos produtos; prudência na mecanização; potencialidades da rega; desenvolvimento da criação de gado. Em relação às riquezas mineiras, há pouco carvão e petróleo; mas o potencial hidroeléctrico é grande e são abundantes outros produtos (metais, diamantes). Para o desenvolvimento das indústrias transformadoras, a instalar nas cidades, fazem falta capitais e técnicas. De resto, os problemas gerais das cidades, relacionados em boa parte com o seu intenso crescimento, são muito importantes, merecedores, a meu ver, de maior desenvolvimento do que aquele que o autor lhes consagra (pp. 112-113).

Em contrapartida, GOUROU insiste bastante naquilo a que chama «a primeira condição do progresso»: uma administração correcta; aliás, uma administração simples, mas eficaz e perfeitamente dedicada às suas funções. As observações feitas pelo autor são muito penetrantes e devem ser meditadas. Vale a pena citar este passo: «É necessário que a população seja conhecida exactamente, que um registo civil funcione, que os administradores, eleitos ou nomeados, conheçam a sua circunscrição, a percorram, e contactem com a população [...]. A África negra tem necessidade de servidores devotados, honestos, competentes em todos os ramos da administração (finanças, medicina, ensino, agronomia, obras públicas, justiça, ordem pública, etc.); isto representa grandes efectivos. A África não pode pagá-los caro se são suficientemente numerosos para responder às necessidades; a sua remuneração não poderia ultrapassar cinco ou seis vezes o que ganha um camponês. Funcionários pouco numerosos e bem pagos não podem assegurar a boa marcha da administração; ficando com um nível de vida que os coloca num mundo que não é o dos seus administrados, não têm contacto com eles e não compreendem as suas necessidades; tendem a formar uma casta. A austeridade, a pobreza de administradores numerosos e competentes, comandam o futuro da África. Os administradores têm necessidade de bons mapas, duma rede de pistas razoavelmente carroçáveis; não construções grandiosas, mas vias utilizáveis, com pontes modestas sobre cursos de água fáceis de dominar, esperando os meios de construir pontes sobre os grandes rios.» (P. 106.) A transcrição é longa, mas tão pertinente e de tão flagrante actualidade que me pareceu que não deveria omiti-la.

No livro II (*A África Ocidental*, pp. 114-193) começa o estudo regional. Não é possível, no âmbito desta notícia, acompanhá-lo desenvolvidamente; indicar-se-á, porém, a sistematização seguida pelo autor. Dentro das nove grandes divisões regionais adoptadas são examinados os vários países, não faltando nunca uma exposição lúcida e actualizada dos seus principais problemas. Assim, no capítulo VIII, além dos aspectos gerais da África Ocidental, são estudados os estados sudaneses, interiores (Chade, Níger, Alto Volta e Mali). No capítulo IX faz-se

⁽²⁾ Estados étnicamente homogéneos são raros e muito pequenos: Ruanda, Burundi, Lesoto, Suazilândia.

referência aos estados litorais ⁽³⁾, que, com excepção da Libéria, justapõem o ambiente guineense e as savanas sudanesas; mesmo num território pequeno, como o da Guiné Portuguesa, o contacto entre os dois domínios é nítido. O capítulo X estuda a Nigéria, que, pelas suas dimensões e complexidade, exige um tratamento à parte; o capítulo XI, os Camarões, que esboçam a transição para a África Equatorial; enfim, o capítulo XII, as ilhas atlânticas (Canárias, Cabo Verde e ilhas do golfo da Guiné; juntamente com estas últimas faz-se também referência à Guiné equatorial, que em parte as abrange).

O livro III (pp. 194-219) trata da África negra do nordeste: República do Sudão (capítulo XIII), Etiópia (capítulo XIV), Território francês dos Afar e dos Issa, Somália e Socotorá (capítulo XV). Segue-se o estudo da África Oriental (livro IV, pp. 220-265). Os traços gerais são esboçados no capítulo XVI: vulcões e grandes abatimentos tectónicos sublinhados pela presença de lagos; tendência para a aridez, não obstante a latitude; civilização suaíli (síntese de elementos africanos e árabes); povos criadores de gado que, constituindo uma minoria, ocupam grandes espaços e têm uma «mania pastoril» que ameaça paralisar a sua evolução económica. Os estados da África Oriental (Uganda, Quênia e Tanzânia) são estudados no capítulo XVII.

O livro V (pp. 266-311) é consagrado à África Equatorial, com o seu clima característico, domínio das florestas, relevo pouco movimentado, subpovoamento acentuado, povos bantos ⁽⁴⁾. Gabão, Congo-Brazzaville e República Centro-Africana são estudados no capítulo XVIII; o Congo-Kinshasa no capítulo XIX; Ruanda e Burundi no capítulo XX.

A África negra do sudoeste é o objectivo do livro VI (pp. 312-333); ela abrange o Malawi e a Zâmbia (capítulo XXI), a Rodésia (capítulo XXII) e Moçambique (capítulo XXIII). A África austral, encarada no livro VII (pp. 334-373), compreende, por seu turno, a República da África do Sul (capítulo XXIV, onde a discussão do problema racial é desenvolvida, cerca de uma dezena de páginas) ⁽⁵⁾, os estados vizinhos, mais ou menos dela dependentes (capítulo XXV: Lesoto, Suazilândia, Botswana e Sudoeste Africano), e Angola (capítulo XXVI).

As referências a Moçambique e Angola, territórios sem base física nem étnica, ocupam uma dúzia de páginas. O capítulo XXIII vai da página 327 à 333, o XXVI da 367 à 373. O autor analisa a diversidade geográfica de ambas as províncias e aponta, a traços muito largos, as grandes divisões regionais. Em Moçambique, considera a região de Lourenço Marques, litoral sul; a parte entre o Limpopo e o Zambeze;

⁽³⁾ Senegal, Gâmbia, Guiné Portuguesa, República da Guiné, Serra Leoa, Libéria, Costa do Marfim, Gana, Togo e Daomé.

⁽⁴⁾ Além dos territórios considerados, a África Equatorial abrange também o Norte de Angola. Por outro lado, Ruanda e Burundi constituem um domínio híbrido e o Norte da República Centro-Africana tem paisagens sudanesas.

⁽⁵⁾ Criticado pertinentemente pelo autor, o sistema adoptado pela África do Sul quanto às raças tem inegável interesse geográfico. «O preconceito racial domina a geografia humana; técnicas, repartição dos homens, nível económico, são mais afectados por ele do que por qualquer outro factor.» (P. 339.)

o delta do Zambeze; e o Norte. Em Angola distingue apenas o litoral, cada vez mais árido para sul, os planaltos interiores e o Sudeste. Ao estudar os problemas de Angola e Moçambique, a atenção do autor volta-se em especial para a instalação de colonos metropolitanos, instalação essa que merece o seu completo desacordo. «Portugal fundou o Brasil; pela mestiçagem, colonos portugueses pouco numerosos criaram uma imensa nação lusitana. Era um grande exemplo. Em vez de o imitar, o Estado português organiza a instalação de camponeses pobres, acompanhados das suas famílias. Já não há mestiçagem; Brancos e Negros separam-se; o sentimento racista não pode deixar de florescer.» (P. 372.) As considerações de GOUROU sobre este problema são fundamentadas e deverão sem dúvida ser tomadas em consideração. Apenas se poderá talvez perguntar se seria plausível esperar-se que o processo que criou o Brasil, a partir do século XVI, se repetisse na África 300 anos depois, em circunstâncias tão diferentes...

O livro VIII de *L'Afrique* (pp. 374-393) considera as ilhas do oceano Índico, mundo parcelado que estabelece a transição com a Ásia: um pequeno continente, Madagáscar (capítulo XXVII), Mascarenhas e Seychelles (capítulo XXVIII).

Os dois últimos livros estudam territórios muito diferentes dos encarados anteriormente: o Sara (pp. 394-427) e o Magrebe (pp. 428-461).

Na apresentação dos traços gerais do Sara (capítulo XXIX) considera-se primeiramente, como seria de esperar, o clima. Com 8 milhões de quilómetros quadrados que recebem menos de 100 mm de chuvas por ano, é este «de longe o mais vasto deserto quente, e o mais severo». No entanto, é mais povoado que outros desertos menos rudes: «circunstâncias históricas e condições de civilização, o Sara tem os melhores técnicos do deserto do Mundo». No conjunto, a superfície indicada acima conta com 1 500 000 habitantes. Uma distinção essencial a fazer, quanto à geografia humana: os nómadas e os agricultores sedentários. Os seus estilos de vida são muito variados, o que leva o autor a considerar, por um lado, os diversos estilos nómadas, por outro, os diversos tipos de oásis. Os estados sarianos são a Líbia, a Mauritânia e o Sara espanhol (capítulo XXX). O Egipto (capítulo XXXI) constituiu-se a partir do grande oásis linear do Nilo.

O Magrebe pertence já nitidamente ao mundo mediterrâneo: pelo clima, antes de mais nada; pelo relevo vigoroso, relacionado com a orogenia alpina; pela população (os Berberes constituem o fundo populacional e adoptaram sucessivamente as línguas e as civilizações de Cartago, de Roma e do Islame; os Arabes instalaram também na região alguns milhares de homens). Depois de analisadas as características gerais (capítulo XXXII), são estudados os três países que partilham politicamente o Magrebe: Marrocos (capítulo XXXIII), Argélia (capítulo XXXIV) e Tunísia (capítulo XXXV).

É difícil condensar numa simples notícia os principais temas desta nova obra de PIERRE GOUROU. Pretendi apenas indicar o encadeamento geral do trabalho e, como o faz também o próprio autor, dedicar um pouco mais de atenção aos problemas gerais da África tropical. Resta

dizer que, escrito de forma sóbria e elegante, por vezes bem evocadora de paisagens e ambientes, o livro se lê com muito agrado. É notável a coerência metodológica da primeira à última linha, bem como o evitar de certos conceitos que, embora actualmente muito em voga em Geografia, se coadunam mal com a complexidade dos quadros geográficos; é o caso de subdesenvolvimento, noção fundamentalmente económica, que, a menos que me tenha escapado, apenas uma vez é mencionada.

A *África* de GOUROU, concebida em moldes ao mesmo tempo clássicos e originais, é um livro extremamente rico de informação e de reflexões. De consulta fundamental (eu diria, indispensável) a quem quer que se preocupe com problemas africanos, é uma obra para se ler, reler e meditar.

CARLOS ALBERTO MEDEIROS